

A BUSCA INCESSANTE PELO SIGMA: o integralismo no século XXI

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

(Instituto Superior de Ciências Humanas
e Sociais Anísio Teixeira)

Resumo: A Ação Integralista Brasileira foi fundada em outubro de 1932. Comungando características do catolicismo pela ótica do Concílio Vaticano I e do fascismo ascendente na Europa, os intelectuais integralistas compuseram a Doutrina do Sigma. O movimento que se seguiu se reconstituindo ao longo de sete décadas, até a atualidade, baseia-se na obediência às diretrizes traçadas no *Manifesto* fundador que se mantém pela memória (oral e literária), base para a reprodução da ideologia, dos signos e de elementos ritualísticos. Na atualidade, grupos que se organizam, sob a bandeira da Doutrina do Sigma, entendem que as diretrizes traçadas na década de 1930 ainda representariam o modelo ideal e único para a construção de uma nação brasileira sob o primado do espírito, num Estado como sua síntese.

Durante os cinco anos de montagem da Ação Integralista Brasileira (1932 –1937), três de seus participantes e dirigentes organizaram o arcabouço doutrinário/organizacional deste movimento que recebeu importantes adesões de intelectuais preocupados em discutir e intervir nos rumos da nação brasileira que se gestava em inícios do século XX. Esses intelectuais da AIB eram o seu Chefe Nacional, Plínio Salgado; o Chefe das Milícias, Gustavo Barroso e o Chefe da Doutrina, Miguel Reale. Cada um destes contribuiu com sua percepção de Estado e organização social para compor o conjunto da doutrina integralista que deveria conter, dentro de uma concepção totalitária de sociedade, a idéia de que o Estado Integral deveria representar a síntese de todas as possibilidades de existência do próprio Estado. Porém, a síntese, o Estado, não resultaria nem da junção ou da acumulação, da recíproca

negação de afirmativas, muito menos da sua superação no movimento da História. A síntese deveria ser restritiva e finalista, pela negação da multiplicidade, às idéias selecionadas como verdades unidas pela espiritualidade do catolicismo escolástico, revivido no enfrentamento de uma nova concepção da natureza¹ trazida pela ciência moderna e pelas transformações provocadas pela “era das revoluções”². O Estado, como síntese, deveria ser erguido sob o primado do espírito.

O Estado Integral, seguindo os preceitos da *Rerum Novarum*, Encíclica papal de 1891 que discute a “questão social” a partir do enfoque do catolicismo e dos caminhos de explicação da fé indicados por Tomás de Aquino, deveria encerrar, em si mesmo, a família, o município e o mundo do trabalho, amparados nesta intercessão, pela sutura moral do catolicismo que o lema do movimento procurava sustentar: “Deus, Pátria e Família”. Cabe ressaltar que as leituras que esses intelectuais faziam da sociedade brasileira, conectando-se a percepções anteriores desenvolvidas acerca das necessidades de formação do ideal de povo brasileiro, reuniam concepções anteriormente produzidas sobre as questões raciais e sociais que perpassavam os projetos de Estado brasileiro que se desenvolviam nos primeiros trinta anos do século passado.

A literatura produzida na trajetória do movimento, que se estende até hoje, com proporções e visibilidade bem menores que as da década de 1930, seguiram e seguem as diretrizes apontadas pelo *Manifesto de Outubro* do ano da fundação da AIB. Este serve de parâmetro e guia para a definição das

¹ Na concepção de Tomás de Aquino, fundamentalmente seguida pela Igreja Católica, a natureza é entendida como *locus/logo* da verdade divina “a verdade consiste na conformidade entre a coisa e o intelecto.” (AQUINO, T. *Questões discutidas sobre A verdade*. In *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 67). E ainda: “(...) a coisa criada se denomina verdadeira, na medida em que cumpre a função para a qual foi destinada pela inteligência divina.” (op. cit., p. 69). Para a ciência moderna, a “idéia” de natureza, alçada desde o século XVII, seria perfeitamente entendida através da racionalidade e, desta forma, controlável em suas leis (Isaac Newton) pelos homens – a natureza, vista sob o prisma da sua materialidade.

² Expressão utilizada por Eric Hobsbawm para indicar o processo histórico das transformações ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, atingidos pelas mudanças profundas e permanentes que provocaram a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Cf. HOBSBAWM, E. *A Era das Revoluções (1789 – 1848)*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

fronteiras do que é o integralismo. Os limites da ideologia, o controle da sua interpretação, são fatores importantes em um movimento que pensa a construção de uma sociedade sob o domínio de um desejado Estado totalitário³. Assim sendo, a produção ideológica e o julgamento de sua interpretação são critérios estabelecidos pelos que se consideram integralistas para definir quem é e quem não é verdadeiramente integralista. Estas são as regras que os organizadores do movimento determinaram quando, a partir de 1938, o integralismo, como o entendiam seus intelectuais fundadores, passou à uma existência que se punha às margens da sociedade política, adotando denominações, ou estratégias que contradiziam sua própria essência ideológica – a de representar uma alternativa antagônica tanto ao socialismo como ao liberalismo.

Ainda que em determinados momentos da história – de 1935 a 1937 e entre 1945 e 1965, a liderança do movimento tenha o “submetido às regras liberais” como Partido Político (primeiramente como Partido da Ação Integralista Brasileira, depois como Partido de Representação Popular [PRP]), como estratégia de guerra de movimento, da sociedade política⁴, alguns ideólogos e participantes jamais aceitaram a inserção do integralismo no chamado “jogo democrático”. E são estes pontos que definem o que é

³ A questão do uso do termo Estado Totalitário e suas interpretações no momento de organização da AIB tornam-se base para a sua distinção em relação aos regimes de Mussolini e Hitler, quanto ao que os integralistas consideram e defendem como base primordial do integralismo: a democracia orgânica. As mudanças no discurso integralista – da exaltação ao fascismo à democracia orgânica ao longo da história do movimento – são respostas contextuais às expectativas da sociedade brasileira, que são veiculadas nos periódicos, discursos políticos e religiosos, literatura e poesias produzidos pelos líderes e militância do movimento. E também se constata pelas fontes orais e escritas que o afastamento do discurso pró-fascista tem início no pós-guerra, quando da derrota do Eixo.

⁴ O uso termo sociedade política está vinculado à percepção de que o Estado é uma relação social, na perspectiva dos estudos gramscianos. O Estado, ampliado, para Gramsci, compreende a relação entre os diversos setores da sociedade que se organizam em vias de conquistar a hegemonia política e implantar seus projetos econômicos e sociais. Sociedade política, sociedade civil e infra-estrutura compõem a estrutura do Estado que, antes de ser algo estabilizado e uniforme, compreende as relações em que conflito, coerção e consenso se estabelecem na constância dos movimentos da história. Conferir: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2000.

considerado pelos intelectuais do movimento, o verdadeiro pensamento integralista: o da defesa de parâmetros bem definidos do que deve ser o Estado e a sociedade integralista, ordenados por uma doutrina cujas fronteiras se definem pela negativa de aceitação de qualquer outra forma de pensamento em que a Doutrina Social da Igreja, formatada pelo Vaticano I e a organização hierárquica e para-militar, características do fascismo, não estejam coadunadas numa síntese sem possibilidade de crítica ou intervenção. Esta forma de pensar representa compreender a essência da Doutrina do Sigma.

Ainda que o Chefe Nacional, Plínio Salgado, líder e principal intelectual do movimento, tenha participado ativamente da vida política nacional ligando-se a partidos políticos (AIB, PRP e Aliança Renovadora Nacional [ARENA]), como representante eleito, em vários momentos da história nacional, ele sempre resguardou a ideologia integralista como o pensamento para o futuro – no qual a democracia representativa deveria ser substituída pela democracia orgânica (de ordenação e controle social pelo Estado das várias suas várias instâncias desde a família ao trabalho). Para este fim, em 1952, Plínio Salgado organizou os Centros Culturais da Juventude, onde os jovens “Águias Brancas” tinham aula de Filosofia, Sociologia, Economia, Política Internacional, Geografia Econômica do Brasil, Interpretação da História etc. Segundo Salgado, no contexto da Guerra Fria, a iniciativa de educar os jovens no integralismo representava uma ação contra a organização do *Komsomol*: Liga da Juventude Comunista Leninista (órgão internacional do PC soviético), com seus congressos internacionais. Foram fundados quinhentos e quatro Centros Culturais e neles, além das aulas e conferências eram dados cursos de anti-marxismo. O antigo Chefe da AIB considerava seu empenho em educar os jovens uma atitude redentora, a qual acrescentou a de lançar livros anticomunistas para fazer frente às publicações do partido comunista. Salgado considerava-se o principal organizador da oposição ao modelo soviético, considerando o semanário “A Marcha”, fundada por ele em 1953, o principal

órgão divulgador da luta anticomunista. Assim, na perspectiva de se tornar porta voz de grande parte da população brasileira que comungava a mesma antipatia pela União Soviética, candidatou-se a presidente para as eleições de 1955, concorrendo com Juarez Távora, Adhemar de Barros e Juscelino Kubitschek.

Neste período, as camisas verdes foram abandonadas, embora a menção à nomenclatura⁵ não tenha sido excluída dos discursos dos partidários das idéias integralistas. Porém, é necessário pôr em questão a distância em termos de organização partidária entre os que se consideravam somente perrepistas, ou populistas, e os águias-brancas. Ser um perrepista, necessariamente não significava ser integralista, no próprio sentido que davam os águias-brancas. Estes sim, se consideravam integralistas. A diferença se daria pelo grau de adesão à doutrina. Os perrepistas assumiam posições diante do jogo democrático que se submete ao processo eleitoral, estipulando metas que visavam a permanência na sociedade política. Os águias-brancas estariam mais na esfera da sociedade civil, na organização da juventude, basicamente composta por elementos da classe média brasileira, principalmente estudantes e profissionais urbanos. Neste caso, haveria duas formas de ação, seguindo a exemplificação de participação política no Estado ampliado apontada por Gramsci. Enquanto organizados em partido político, participando da sociedade política, como forma de participar mais efetivamente do seu controle, o integralismo estaria fazendo a guerra de movimento. Como associação que procurava reunir a juventude em torno da doutrina e dos parâmetros de educação moral e cívica que pretendiam os Centros Culturais, procurando construir o projeto de alcance da hegemonia, o integralismo estaria em guerra de posição.

⁵ Os integralistas, desde a década de 1930, eram também chamados de "camisas-verdes" - a cor de seus uniformes. Assim eram reconhecidos. O uso da camisa verde lhes proporcionava a identificação com seus pares e representava a adesão à doutrina e, pelo juramento de fidelidade, ao Chefe Nacional.

A nova geração, a do século XXI, independentemente de idade, está procurando trazer o integralismo à discussão e, mais que isto, torná-lo fator de direção de ações interventoras na sociedade brasileira. Esta geração estaria marcada pela decepção com o modelo ocidental capitalista. Se sentem traídos com o processo de abertura que levou ao fim a ditadura militar. Desde a morte de Plínio Salgado, em 1975, tentam se organizar, mas mantêm a independência entre os grupos, e não conseguem uma unidade na organização do movimento. Entre seus participantes estão, também, os antigos águias-brancas que se tornam referência, pois “guardiões” de uma memória da convivência física com o próprio Chefe Salgado. São também aqueles que conseguem aglutinar no seu entorno o mais número de participantes que mantêm espaços de referência, como a Casa de Plínio Salgado, um importante “lugar de memória” do movimento. Antes, fator de união, atualmente, a ligação familiar dos novos com os velhos integralistas se dilui. Os que mantiveram o integralismo em suas famílias viram perder, entre os velhos e os jovens, a geração dos seus próprios filhos que escolheram outras bandeiras de luta, inclusive de oposição. Este é o caso de dois antigos águias-brancas, Gumercindo Rocha Dórea e Pedro Baptista de Carvalho. Um terceiro perrepista, Anésio Lara Campos Jr. é meio-irmão mais velho do Senador Eduardo Suplicy, do Partido dos Trabalhadores.

Algumas características unem essa nova geração, por exemplo, o fato de alguns freqüentarem o escotismo. O catolicismo também é preponderante entre os novos integralistas, como o foi nas outras duas gerações. O interesse pela ordem militar, a crítica à corrupção política, a descrença da democracia os levam a sentirem necessidade de rumo, de uma diretriz confiável num mundo considerado materialista, a mercê do consumo, e dominado pela mídia que despreza a elevação moral da sociedade, como dizem.

Na atualidade, a grande maioria dos integralistas rejeita a idéia de repetir a experiência partidária dos anos 1930 e 1940 a 1960. Entre esses, o depoimento de Jenyberto Pizzotti, um dos líderes do integralismo do século XXI, dirigente da Ação Integralista Revolucionária, que exemplifica esta tomada de posição da nova militância:

“(...) até 1935, o integralismo foi uma idéia revolucionária. A partir de 35 com a idéia do Plínio de se transformar em partido político, para se ganhar poder, foi transformado numa máquina política. E como máquina política inserida no sistema. Em 37 o Getúlio numa canetada esfacelou o movimento. Essa é a minha idéia. Se foi uma estratégia do Plínio, como estratégia é muito mais fácil para nós historiadores, porque eu me considero um pesquisador, um historiador também, é muito mais fácil para nós analisarmos agora, depois do fato acontecido do que na época. O Plínio não tinha bola de cristal, ele não sabia o que poderia... estrategicamente, na minha opinião, ele errou. Porque uma idéia revolucionária jamais é destruída. Mas um partido político, um movimento sim.”⁶

A Ação Integralista Revolucionária se propõe a questionar certas assertivas do Chefe Plínio Salgado e defende a submissão à doutrina, mas com independência de interpretação. Ainda que defenda uma independência em relação ao catolicismo, sustenta a idéia da construção do Estado Integral sob a primazia do espírito.

Outro grupo que se considera a continuidade do movimento na atualidade é a Frente Integralista Brasileira. Para os militantes da FIB a obediência aos princípios básicos são respeitados quanto à interpretação católica da doutrina. Seguem a *Rerum Novarum*. A FIB tem como seu setor de estudos da doutrina o apoio do CEDI, o Centro de Estudos e Debates Integralistas, com núcleos espalhados por diversas partes do Brasil e que se comunicam por meio da *internet*, mas mantém independência em termos de

⁶ Os depoimentos transcritos a partir de então foram me relatados pelos representantes do integralismo do século XXI – as entrevistas estão arquivadas no Laboratório de História Oral da Universidade Federal Fluminense e fazem parte do acervo do Projeto Militância Política.

produção e organização interna. A FIB utiliza a Casa de Plínio Salgado localizada na capital paulista para reuniões. Eles têm o apoio dos irmãos Carvalho, que se sucedem na presidência da Casa em três mandatos, que foram plinianos⁷ na década de 1930 e “águias brancas” na juventude. Atualmente, são importantes guardiões da memória do período da AIB, na infância e mais ainda dos tempos do PRP.

Ainda há o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) que interpreta a doutrina, como dizem, com os olhares do século XXI. Incorporam a leitura científica, da ordenação newtoniana, da negação dos dogmas e do relativismo, mas submetendo todo conhecimento produzido pelos homens à inspiração divina. Seguem Santo Agostinho ao quererem demonstrar a existência do divino apenas pela fé. Pois, para eles, Deus apenas existe e move o Universo. Este é visto através da coerência da ordem da natureza concebida por Deus defendida por Leibniz. Seguem, principalmente, Gustavo Barroso. Consideram o sionismo o mal da humanidade, posto que concluem que as principais casas bancárias pertencem a judeus. Estes, segundo os linearistas, não teriam compromisso com as pátrias que habitam.

Os novos integralistas dizem divergir do nazismo quando chamam a atenção para a distinção que fazem entre sionismo, que definem como poder econômico, e semitismo, que traz a referência ao povo judeu. Deste modo, defendem que não há discriminação racial, mas constatação que certos grupos formados por judeus controlam o mundo através do poder econômico. Açam que há uma conspiração sionista para dominação do planeta⁸ e que urge a reação dos homens espiritualizados, guiados por uma elite superior, para defender o mundo que está sendo governado pelo próprio demônio. Para os

⁷ Assim eram chamadas as crianças levadas por seus pais ou amigos a integrarem o movimento integralista na década de 1930.

⁸ Esta “teoria da conspiração” está delineada n’ *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (LAMBERLIN e Outros. São Paulo: Centauro, 2001). Gustavo Barroso seguia esta teoria, considerando verdadeira a idéia de que grupos de banqueiros internacionais de origem semita mantêm a dominação do mundo pela exploração capitalista internacional.

linearistas, se existe Deus como força absoluta e motor de toda a natureza, há o outro lado espiritual que habita as trevas, que governa os interesses de destruição da moral, da família e da Pátria. O objetivo central do linearismo seria alinhar a visão cientificista de mundo com a visão espiritualista e congregar os dois paradigmas num só.

Segundo os linearistas, não se pode analisar a espiritualidade sem se analisar as condições científicas e racionais de nossa realidade. No entanto, alertam para se tomar cuidado em não se cair numa visão dogmática e relativista da realidade humana, na sua concepção. A oposição ao materialismo não significa apenas negá-lo. É necessário estudá-lo e compreendê-lo. Para Cássio Reis, presidente do MIL-B, é preciso interpretar o “fundamento santificado da essência racional do Homem” que estaria nas obras de Santo Agostinho, Immanuel Kant e Bertrand Russell.

O MIL-B, como associação, ainda conta com o apoio da SENE, a Sociedade de Estudos Nacionalistas e Espiritualistas que é considerada pelo grupo, uma instituição de estudos acadêmicos e filosóficos. Segundo o presidente do MIL-B este congrega integralistas e linearistas e a SENE é uma instituição mais ampla que congrega também monarquistas, maçons, membros religiosos, nacionalistas de vários matizes. Não há diferença entre Integralismo e Linearismo, segundo seu presidente.

Para os linearistas, o Integralismo da década de 30 teve forte tendência nacionalista e colaboração da Igreja Católica. Mas segundo eles, uma das grandes preocupações de Plínio Salgado teria sido discutir a base cientificista dos Séc.XIX e XX do ponto de vista espiritualista. Assim sendo, Chefe Nacional teria iniciado um novo paradigma que pretendia fundir Ciência e Fé numa mesma visão Integral do Homem. Ainda, como coloca Cássio, a questão científica não teria sido bem explorada na época, pois faltava ao Chefe Nacional os conhecimentos em Física ou Matemática, embora conhecesse os

trabalhos de Newton e Einstein, a Filosofia Analítica, a Mecânica Quântica, a Biologia Molecular, a Teoria Quântica da Matéria etc.

Os novos integralistas absorvem as memórias das obras e do contato com os integralistas de gerações anteriores e apresentam o novo trunfo: a *internet*. O meio mais importante de propagação dos ideais integralistas. O que se rememora? Também o Chefe, que a maioria não conheceu. Por isso, apesar das demonstrações públicas de respeito, alguns ousam contestar os escritos. Embora digam estar dando continuidade, interpretam a doutrina sob novas condições, numa conjuntura tão dinâmica que o pensamento vai tornando apenas referência.

Na reconstrução das memórias integralistas pelos novos grupos, ainda se revive o sentimento de traição de Getúlio Vargas quando, na década de 1930, os integralistas esperavam chegar à hegemonia da sociedade política pela via eleitoral. Com o golpe de 1937, esperavam participar das esferas do poder com o apoio à implantação do Estado Novo. Posteriormente, num ensaio de tomada de poder em que se aliaram a liberais, em maio de 1938, os integralistas foram considerados os únicos autores do episódio da tentativa de destituir o presidente ditador. A versão oficial, da traição, tanto de liberais como de Vargas é divulgada para as gerações que se sucederam à primeira que viveu os acontecimentos e que a ela foi endereçada a tarefa de replicar.

Todos são contra as mudanças instituídas pelo Concílio Vaticano II. Todos consideram os movimentos de luta de origem popular, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) uma excrescência da sociedade brasileira, sob uma democracia que não reconhecem como sistema capaz de manter o controle sobre o povo que governa. Todos são nacionalistas extremados e defendem a intervenção militar pela força para conter os problemas que acreditam serem trazidos pelas liberdades democráticas.

A divulgação das idéias de cada grupo pode ser encontrada principalmente na *internet*, que vai substituindo gradativamente a imprensa de

papel do movimento. Os principais informativos deste tipo, no novo integralismo são os jornais: *Alerta*, do Centro Cultural Plínio Salgado (RJ), publicado desde 1995 até 2002; o *Idade Nova* (RJ), de fins da década de 1990, o *Informativo CEDI* (RJ) com a primeira edição em outubro de 1999; o *Avante* de Niterói, (RJ); o *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva* ambos do Paraná, editados por Fernando Batista Rodrigues. Ainda há o *Ação Nacional*. Os três últimos periódicos são de inícios dos anos 2000. Também a Casa Plínio Salgado edita seu informativo. Todos estes produzidos pelos integrantes da atual FIB.

O que todos os grupos dizem é que pretendem manter a unidade e a especificidade do integralismo. Esta estaria no nacionalismo, mas principalmente, no espiritualismo, porque sua assimilação representaria o entendimento do verdadeiro significado do Sigma, como mostra o depoimento do linearista Cássio:

“Essa nova concepção não é nem de direita e nem de esquerda. Ela não é nem capitalista e nem comunista. Não é nem social-democrata e nem liberal. Nós procuramos valorizar a Nação, pois ela representa a grande família brasileira e cabe a nós, brasileiros, defender seu bem-estar contra os ataques de especuladores e criminosos. Nós prestamos homenagem aos grandes heróis da Pátria como Caxias, Pedro II, Plínio Salgado e muitos outros, pois estes servem de exemplo aos nossos atuais jovens. Nós apelamos para a Espiritualidade, pois é neste campo de batalha que nos tornamos invencíveis. Combater o inimigo em seu próprio território, ou seja, dentro de uma concepção puramente materialista do mundo, onde impera o poder monetário, é cair na cilada armada pelos grandes especuladores internacionais, os abjetos serviçais de Mammon.”

Para a militância de base de 1930, aquela que sustentou o integralismo em sua fase áurea, como as que a sucederam, a idéia do Sigma estava contida no lema. “*Deus, Pátria e Família*”. Deste modo, o Sigma era e é internalizado. E esta marca traduz os anseios da ordenação essencial: a partir do Espírito à Pátria, assegurada pela totalidade das famílias cristãs, cuja

moralidade preservaria, também, por sua vez, a obediência aos ditames da representação temporal de Deus, a Igreja Católica. E assim, o modelo de Estado Integral deveria ser preservado.

No lema “Deus, Pátria e Família”, a base da doutrina que a todos interessa guardar. Mas, isso não significa não tocá-la. A memória que se construiu durante todo o século XX e que alcança, renovada o século XXI, não se compromete mais com a produção das fontes das quais extrai a própria essência de sua existência. A memória passa a ser controlável e adaptável às certezas de cada qual que queira se chamar integralista.

Se a memória adapta a doutrina, mantendo, no entanto, o curso determinado pelo Sigma, ela precisa, nestes novos tempos, materializar-se. Durante toda a trajetória do movimento, então, se percebe a necessidade de manutenção dos símbolos e na necessidade que sentem de reviver rituais, de resgatar os hinos etc. Nos dias atuais, para registrar, marcar, lembrar e eternizar o Sigma, os uniformes verdes são resgatados. Os novos integralistas fazem retornar os tempos dos camisas-verdes, vestindo o uniforme da década de 1930 ou inovando com camisas de malha que levam o símbolo do Sigma, o Σ , gravado no peito. Ainda que a nova geração procure romper com as antigas certezas do movimento, ela preserva os principais lemas integralistas, como a luta nacionalista, anticomunista, antiliberal, moralista. A proposta de construção de um Estado Integral, que consideram síntese de toda história, simbolizada pelo Sigma, é entendida como seu próprio fim e vai sendo atualizada por cada geração que a reinterpreta de acordo com a conjuntura histórica.

Assim sendo, a via percorrida pelo movimento integralista descrita acima ganha contornos específicos na passagem de gerações e em suas intercessões. Através dos depoimentos orais da militância, em confronto com a literatura produzida pelo movimento em sete décadas, pode-se atravessar a história do integralismo em que a manutenção de permanências que evocam uma moral e visões de mundo procura solidificar num *modus vivendi*

integralista. Nele está contida toda uma espécie de cultura conservadora que atravessa e que é atravessada pela perspectiva, sempre renovada, da busca de uma sociedade ordenada e hierárquica que possibilite a eternização de uma sonhada utopia de um retorno ao tempo cíclico medieval submetido à interpretação e ao poder e espiritual da Igreja Católica. Isto seria garantido pela força de uma idéia, a do Estado Integral, que afiançaria, através da ordem corporativa, a estagnação da dinâmica histórico-social com o controle da luta de classes. Pela consolidação da soma, pela exclusão das diferenças, que é representada pelo Sigma.

Na pesquisa da historia do integralismo é preciso percebê-la em construção pelos que se consideram seus herdeiros. Ela é constantemente revisitada, recuperada e re-ordenada nos longos anos que atravessa em busca da própria definição do que significou e significa ainda o integralismo nos três momentos em que se busca a construção dessa memória, marcada pelas reinterpretções que três gerações significativas para o movimento insistem em demarcar como representativamente verdadeira do que significa o integralismo para a Historia do Brasil: o seu período de Ação Integralista Brasileira; os tempos que os integralistas se reuniram sob a sigla do Partido de Representação Popular e a atual tentativa de reconstrução do movimento.

Sobre as condições de pesquisa sobre o integralismo, atualmente, há certas situações que afetam o trabalho dos pesquisadores em busca de fontes e na produção de textos: a disputa intelectual e material sobre a "posse" da memória integralista com novos militantes. O fator positivo nesta relação entre pesquisadores e representantes do objeto estudado é que se pode ouvir suas interpretações, bem informadas, sobre o movimento. O fator negativo é que, ao discordarem das interpretações dos historiadores, consideram as suas pesquisas "desvios" da História. O fato é que suas reflexões contribuem para nós, pesquisadores, compormos um retrato mais completo do passado integralista. E foram estas condições que oportunizaram este trabalho de

análise das construções do conceito de Estado Integral e que puderam apontar a função preponderante da Doutrina do Sigma, elaborada pelos seus intelectuais, como fator de unidade do próprio movimento. A idéia tem a função de dar estrutura à organização do movimento e costurá-lo num todo coerente, o que não significa impassível de reinterpretações.

Tendo em vista a análise do movimento no processo histórico procuro entendê-lo observando a relação dialética entre produção ideológica e inserção dos produtores da doutrina e seus seguidores no ambiente da luta de classes. A pesquisa de um movimento autoritário, de tipificação fascista – a sua análise – permite a percepção das raízes autoritárias, intolerantes e discriminatórias que estão presentes na sociedade brasileira. Porém, posições que se proclamam antagônicas podem apontar para semelhanças ou proximidades. Cabe saber, nas posições de cada agente social, que é percebido como intelectual, até onde e de que forma, o conceito de humanidade está presente em suas reflexões como ativa construtora de seu destino e de uma felicidade sem restrições de classe ou de qualquer necessidade.

Na perspectiva dialética da filosofia da práxis, inserindo a história da Ação Integralista Brasileira na História que a humanidade construiu ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, afetados pelas rápidas transformações tecnológicas, entendo o integralismo, como fenômeno fascista, que integra o conjunto de tentativas de respostas de parte da população mundial às rupturas impostas pelo advento do capitalismo. Rupturas morais/culturais e econômicas que, para parte da humanidade não poderiam ser suturadas sem intervenção autoritária – excludente das formas de pensar o mundo que não lhes são desejáveis.